

Resenhas

Da Vinci, Leonardo. *Sátiras, fábulas, aforismo e profecias*. São Paulo: Hedra, 2008. Organização e tradução de Rejane Bernal Ventura. 124 pp.

As referências ao nome de Leonardo da Vinci (1452-1519) estão principalmente ligadas ao mundo das artes. Aliás, E. H. Gombrich, em *A história da arte*, observa que o período em que viveu Da Vinci se constitui “o mais famoso período da arte italiana e um dos maiores de todos os tempos”; e prossegue: “[...] Leonardo era mais do que um jovem talentoso. Era um gênio cujo intelecto poderoso será eternamente objeto de assombro e admiração para os mortais comuns”. Com essa descrição, é de se esperar que no artista italiano, além das famosas *Monalisa* ou *Última ceia*, também encontremos uma faceta de escritor.

Porém, as histórias literárias italianas não costumam atribuir a Leonardo da Vinci o estatuto de literato, talvez por sua complexa e multifacetada figura, ou porque ele nunca publicou nada do que escreveu, ou, ainda, pelo fato de os escritos literários estarem dispersos em seus manuscritos. Não por acaso, Natalino Sapegno, em seu *Desenho histórico da literatura italiana*, observa que Da Vinci “pertence, principalmente, à

história da arte e à da ciência, ao invés da literatura”.

Embora Da Vinci se descrevesse como *omo senza lettere* [homem não literato], ele foi senhor de um grandioso talento e transitou nas mais diferentes áreas do saber, o que é próprio do *uomo universale* [homem universal] renascentista: da pintura à música, passando pela anatomia, arquitetura, astronomia, botânica, hidráulica, matemática, mecânica, óptica e zoologia e ainda transitando do ensaio à prosa de ficção.

Ademais, Leonardo Da Vinci sempre esteve ligado ao mundo da escrita. Alguns estudiosos sustentam que ele teria escrito aproximadamente 35 mil folhas manuscritas ao longo de 40 anos. Mas as que chegaram até nós são aproximadamente 7000. Um de seus escritos mais conhecidos é o *Tratado sobre a pintura*. Além de ensaios, o pintor também se dedicou à prosa ficcional. São alguns desses textos ficcionais que encontramos agrupados no livro *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*. São Paulo: Hedra, 2008, com organização e tradução de Rejane Bernal Ventura.

A organizadora atenta para o fato de ser este livro uma seleção de textos que muitas vezes se encontravam nas margens dos manuscritos do autor toscano. E muito apropriadamente ela observa logo no início que “o que poucos talvez saibam é que [Leonardo] foi também um grande escritor. Além das anotações científicas, escreveu textos e sentenças na forma de fragmentos, abordando uma gama de assuntos em gêneros

diferenciados. Produziu aforismos, profecias, ditos espirituosos e morais, alegorias, fábulas, prefácios, cartas, máximas filosóficas, traduções e transcrições, que versavam sobre a ciência, a natureza, o homem, os animais”.

O livro é dividido em quatro partes mais a Introdução, na qual encontramos aspectos da vida, em que a organizadora destaca, por exemplo, que o diversificado e erudito conhecimento adquirido por Da Vinci pode estar associado ao fato de que este “estruturava-se na prática e por meio de analogias, e o fruto desse aprendizado era registrado em *livros de oficina*, que não continham qualquer argumentação teórica sistemática”. Esse aspecto vai justificar ainda o fato de Leonardo ter redigido seus manuscritos de maneira fragmentária e sob forma de anotações; ou então em desenhos, por acreditar que a imagem traduzia melhor e mais rapidamente as idéias do que as palavras.

A primeira parte do livro apresenta as sátiras e, não por acaso, o texto que abre esta seção se intitula “Resposta de um pintor”, que, por sua ironia e por concisão exemplares, transcrevo na íntegra: “Perguntou-se a um pintor por que motivo criara ele figuras assim tão belas, a despeito de serem coisas mortas, quando tinha filhos tão feios. Então o pintor respondeu que as pinturas, ele as fizera de dia, e os filhos, à noite”.

Também merece transcrição a mordaz sátira intitulada “O velho e o jovem”: “Um velho desprezava publicamente um jovem demonstrando audácia por não temê-lo. O jovem

então respondeu-lhe que a sua longa idade lhe era melhor escudo do que a língua ou a força”.

Segundo Rejane Bernal Ventura, as sátiras do mestre Da Vinci “designam sentenças ou histórias curtas que oscilam entre uma forma de riso picaresco [...] ao tom mais irônico e sarcástico [...] ou a uma entonação mordaz”.

Na segunda parte, a das fábulas, Leonardo não foge das características gerais desse gênero e esses seus escritos apresentam a personificação de algum animal, vegetal ou mineral associado a uma certa conduta humana. Assim, temos, por exemplo, “O ferro e a lima”, em que o autor escreve: “O pesado ferro se reduz em tão grande sutileza mediante a lima, que um pequeno vento o leva embora”. Ou ainda em a “Aranha e o zangão”: “Querendo apanhar a mosca com suas falsas redes, a aranha foi cruelmente morta pelo zangão em sua própria armadilha”.

Já na parte dedicada aos aforismos, divididos em três categorias: “o homem e a moral”, “natureza” e “ciência”, com extensão que varia de uma frase a um parágrafo médio, encontramos os seguintes pensamentos: “Onde há liberdade não há regra”; “Não se deve desejar o impossível”; “Quem pouco pensa, muito erra”; “As ameaças são armas somente do ameaçado”; “Todas as coisas mudam com o tempo”; “Discernir, julgar, aconselhar são atos humanos” ou “Não leia os meus princípios quem não for matemático”. Esse último aforismo, por exemplo, está diretamente ligado a uma concepção

davinciniana da relação intrínseca entre a pintura e a matemática.

Por último, as profecias, que são os escritos de “caráter mais peculiar, por possuir sentenças obscuras, enigmáticas e repletas de imagens apocalípticas”, como diz a organizadora do livro. Assim, temos profecias, cujo tema já se encontrava na Bíblia, como por exemplo, a profecia “Sobre a língua dos diversos povos”, em que Da Vinci expõe a sua concepção do mito de Babel: “A geração humana chegará a tal ponto, que não se compreenderá o falar nem de um nem de outro. *Isto é, um alemão com um turco*”, ou na profecia de “Sobre a leitura de bons livros”, na qual ele diz: “Felizes serão aqueles homens que prestarem ouvidos às palavras dos mortos. *Ler as boas obras e observá-las*”. Esse tipo de escrito contribui para aproximá-lo de muitos de seus posteriores, como Leopardi ou Schopenhauer, que em *Sobre livros e leitura* afirma: “Não há maior deleite para o espírito que a leitura dos antigos clássicos: tão logo tomamos um deles, nem que seja por meia hora, nos sentimos refrescados, aliviados, purificados, elevados e fortalecidos; exatamente como se tivéssemos bebido de uma fresca fonte”. Há também profecias com tom apocalíptico e que podem ser lidas como chave para o presente e o futuro não muito distante: “Ver-se-ão as plantas ficarem sem folhas e os rios interromperem seus cursos”.

A engenhosidade e criatividade associada à inteligência multifacetada do pintor das “Virgens das rochas” e do famosíssimo “Esquema das

proporções do corpo humano” já foi destacada em várias histórias da arte, como na de Gombrich citada acima, na de Argan, cujo segundo volume da sua *História da arte italiana* começa com Giotto e culmina em Leonardo e também no recente *História da Beleza* (2004), de Umberto Eco, em que se mesclam imagens de Da Vinci e textos do autor.

Para finalizar, gostaria de destacar que o mérito principal deste livro é o de possibilitar ao leitor brasileiro o contato com alguns dos escritos literários do grande humanista, disseminados em seus cadernos de notas e dispersos após sua morte. Por meio deles, desponta um escritor que pode ser comparado a Esopo ou La Fontaine nas fábulas, a La Rochefoucauld, Lichtenberg ou Vauvenargues nas máximas e aforismos e ao *Apocalipse da Bíblia* nas profecias, confirmando assim que ele foi “verdadeiramente admirável e celestial”, como o descreve Vasari na sua *Vida de Leonardo da Vinci*.

Andréia Guerini
UFSC

Revista Morus - Utopia e Renascimento e o recontar da história

Em 1516, o então chanceler da Inglaterra que vivia sob a dinastia Tudor, Thomas More – católico convicto – resolve, de modo deliberado, consciente e, sobretudo, metafórico, excetuar-se de seu tempo, de seu lu-